

PORTUGUÊS (L2) E LIBRAS (L1): DESENVOLVIMENTO DE ESTRUTURAS DE POSSE NA INTERLÍNGUA

Adriana Cristina CHAN-VIANNA (PG-UnB)

1. INTRODUÇÃO

O quadro dos estudos gerativos em segunda língua permite equiparar as gramáticas de primeira língua (L1) e de segunda língua (L2) e investigar aspectos divergentes. Como indica a literatura recente há limites para a variação em gramáticas não nativas, assim como em gramáticas nativas. Por meio de experimento controlado de produção escrita, elaborado com o intuito de examinar as construções de posse não pronominais do português, buscou-se a identificação e a descrição de construções de posse na interlíngua dos aprendizes surdos que não são facilmente observadas na produção espontânea. Em vista da hipótese de que, a partir de conhecimento inato e do conhecimento da LIBRAS, desenvolve-se o processo de aquisição do português, a investigação das estratégias dos aprendizes surdos leva ao questionamento de propriedades de traços da gramática e de efeitos de transferência da L1.

Neste trabalho são apresentados os resultados que mostram que as gramáticas da interlíngua de aprendizes surdos, falantes/sinalizadores de LIBRAS, apresentam construções convergentes com a gramática alvo (português), incluindo a possibilidade de reestruturação de aspectos morfológicos (marcação de Caso genitivo) e não apresentam violação dos princípios que restringem as línguas naturais. Além desses, os padrões não convergentes revelam aspectos envolvidos no desenvolvimento do sintagma nominal do português (L2) pelos aprendizes surdos e remetem a propriedades da LIBRAS (L1).

Apresentam-se a seguir (seção 2) os pressupostos teóricos para a descrição do experimento, a partir do qual foram identificadas variantes encontradas na interlíngua na realização da relação de posse em português (seção 3). Na seção 4, são considerados os aspectos envolvidos na aquisição das estruturas de posse pelos aprendizes surdos e sua relação com a L1, seguindo-se as considerações finais (seção 5).

2. PRESSUPOSTOS

No âmbito da pesquisa lingüística de enfoque gerativista, a segunda língua de um indivíduo - falante não nativo - é um sistema lingüístico complexo e abstrato e, nesse sentido, semelhante ao sistema lingüístico de um falante nativo. Aprendizes de uma segunda língua, assim como os falantes nativos, possuem representações mentais desse conhecimento adquirido. O sistema lingüístico que resulta da aquisição de uma segunda língua, desde seu início até a estabilização do processo, é denominado interlíngua. A interlíngua pode constituir-se de aspectos da língua nativa do aprendiz, da língua alvo ou de outras línguas naturais.

As observações sobre a inevitabilidade, a uniformidade e a completude da aquisição da L1, que são a base para se postular a faculdade de linguagem inata e de domínio específico, não podem ser observadas no processo de aquisição de L2 (White, 1998, 2003; Sorace, 2003). Os aprendizes de L2, entretanto, atingem estados mentais que vão além dos dados disponíveis, e além do ensino explícito, sendo capazes de entender e produzir enunciados que não viram ou ouviram antes. Os padrões encontrados na aquisição da L2 não resultam de analogia com formas do *input* de L2 nem são derivados apenas do conhecimento da L1.

Visto desse modo, processos similares subjazem aos dois tipos de aquisição, como assumem Epstein *et al.* (1996), White (1998), Schwartz (1998), Klein e Martohardjono (1999), entre outros, e o comportamento lingüístico de falantes não nativos é examinado a partir das gramáticas da interlíngua, em face das restrições impostas pelos princípios e parâmetros da Gramática Universal (GU).

Reconhece-se, naturalmente, que as gramáticas da interlíngua diferem de várias maneiras da gramática dos falantes nativos. A interlíngua se caracteriza pela variabilidade no uso de flexão verbal e nominal e em itens lexicais relacionados. Morfologia relacionada a concordância, número, gênero, caso, tempo, entre outras categorias, estão às vezes presentes, às vezes ausentes da produção dos aprendizes de L2, quando seriam obrigatórios para os falantes nativos. Quando estão presentes, podem não ser convergentes com a gramática alvo do falante nativo. A variabilidade não é atribuída a uma deficiência na representação gramatical, em uma abordagem como a adotada por Epstein *et al.* (*op.cit.*), Schwartz (*op.cit.*) e White (*op.cit.*), entre outros, ao contrário, todas as categorias funcionais e lexicais estão disponíveis e presentes no léxico desde os primeiros estágios da aquisição de L2, embora possam ainda não ter sido mapeadas na matriz morfológica/fonológica convergente.

A hipótese de que problemas na interface morfologia/sintaxe podem ser atribuídos a problemas de mapeamento não prevê que esses problemas são inevitáveis, nem permanentes (cf. White, 2003). Certamente, há resistência de determinados aspectos gramaticais ao desenvolvimento,

que, por vezes, persiste até o estágio final. Esse comportamento pode ser visto, entretanto, conforme Sorace (1999, 2003), como divergência sistemática da qual cabe investigar a natureza e as formas. Além disso, formas variantes são determinadas em diferentes graus e a preferência de uma variante em detrimento da outra pode mudar com o tempo, no decorrer do desenvolvimento da língua (cf. Sorace, 2003).

A opcionalidade é inerente ao desenvolvimento da L2 e, entre outros fatores, decorre da L1: propriedades da L1 podem se manifestar na interlíngua antes que os aprendizes tenham se apropriado de novos valores paramétricos ou antes que todos os traços formais de um novo item da L2 tenham sido identificados, incluindo-se a possibilidade de reestruturação no nível paramétrico/morfológico, como consequência de a GU estar disponível para o aprendiz de L2 (cf. Craats *et al.*, 2000). Conforme a Hipótese da Conservação, nos estágios iniciais, o aprendiz de L2 se guia pela gramática de L1 no desenvolvimento da gramática de L2, e, em seguida, a Gramática Universal (GU) permite que o aprendiz compare seu *output* e o *input* da L2, reestruturando sua gramática inicial, se necessário (cf. Schwartz, 1998; Craats *et al.*, 2000).

O *output* dos aprendizes surdos apresenta similaridades importantes com o de aprendizes de L2 ouvintes (Berent, 1996; Lillo-Martin, 1998; Fernandes, 2003; Salles *et al.*, 2003, Chan-Vianna, 2003). Embora a situação em que os surdos aprendem uma língua oral seja diferente da situação das crianças ouvintes que a aprendem como uma primeira língua ou a de estudantes ouvintes que aprendem uma língua como segunda língua, Lillo-Martin (1998) ressalta que há padrões comuns nos dados obtidos em tarefas de produção e compreensão escrita de crianças, em fase escolar, surdas e ouvintes. Os estudantes surdos cometem mais equívocos do que os estudantes ouvintes, porém estes desvios não violam os princípios da GU, conforme a autora, o comportamento dos aprendizes surdos difere do comportamento dos ouvintes na marcação não-convergente de parâmetros e alguns padrões não-convergentes refletem a fixação de parâmetros da língua de sinais.

Desde trabalhos pioneiros sobre a aquisição de língua oral por surdos (Thompson, 1936; Heider e Heider, 1940; Myklebust, 1964 *apud* Berent, 1996) atesta-se que as categorias gramaticais estão praticamente ausentes nos primeiros anos e seu uso tende a aumentar em função da idade, ainda que muitos estudantes surdos, até muito tarde, não utilizem elementos dessas categorias. Sobre a aquisição de português por surdos, Fernandes (2003) demonstra que o uso das categorias gramaticais e sua convergência são influenciados pelo grau de escolaridade e que alguns indivíduos atingem alto grau de sucesso. Berent (1996) e Lillo-Martin (1998), conforme o modelo de aquisição de linguagem baseado na GU, afirmam que, de modo geral, os estudantes surdos progredem em julgamentos de gramaticalidade conforme avançam no sistema escolar. Como indica Lillo-Martin (1998), se um conjunto de princípios universais se aplica a todas as línguas e as línguas diferem em

algumas áreas da gramática, a previsão é a de que os aprendizes mostrem evidências dos universais da linguagem desde cedo, embora algum tempo seja necessário para o desenvolvimento das áreas nas quais as línguas diferem.

3. CONSTRUÇÕES DE POSSE NA INTERLÍNGUA

Construções de posse não pronominal presentes na interlíngua de aprendizes surdos e que não são facilmente observados na produção espontânea foram identificadas e descritas a partir de experimento realizado com oito informantes falantes/sinalizadores de LIBRAS, com surdez profunda e congênita – quatro estudantes da 8ª série do ensino fundamental e quatro estudantes do 2º ano do ensino médio. O experimento¹ constituiu-se de 21 tarefas de produção escrita a partir de ilustrações correspondentes elaboradas com o intuito de favorecer a manifestação de expressões de posse não pronominais pelos informantes.

Como no exemplo em (1), as expressões (aqui destacadas em itálico) foram fornecidas no experimento, cabendo ao informante, mediante observação da ilustração associada, preencher uma lacuna (cuja expressão será apresentada sem o destaque).

(1) -----*estão fechados*. -----*estão abertos*.

O par de sentenças em (1) é ilustrado pelos personagens Magali e Cebolinha, cujos olhos estão fechados e abertos, respectivamente. As lacunas supõem o uso de 'olhos' e, a fim de distinguir a que olhos se referem a primeira e a segunda expressão a menção ao possuidor de 'olhos' é esperada.

Em um segundo tipo de tarefa, as sentenças fornecidas estão associadas a uma ilustração em que vários personagens desempenham, cada qual, uma atividade diferente. Nesse caso, o preenchimento da lacuna, em (2), implica a escolha de um dos personagens; por exemplo, 'o pai do Cebolinha', mas não 'o pai do Cascão'.

(2) -----*lê o jornal*.

As relações esperadas abrangem posse inalienável, uso continuado e existência de relação de parentesco ou afetiva. Ocorrem nas sentenças os verbos 'ser' e 'estar', 'querer', 'ler', 'comer', 'abraçar' e 'ver'. As lacunas a serem preenchidas foram dispostas ou em posição inicial (sujeito) ou em posição interna à oração (objeto direto ou predicativo do sujeito).

¹ Este experimento foi realizado como parte da minha dissertação de mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Maria Moreira Lima Salles.

Na grande maioria das respostas às tarefas propostas, a relação de posse é identificada e diferentes estratégias sintáticas ocorrem na expressão dessa relação semântica. No conjunto de dados se destacam as seguintes estratégias:

- (i) presença e ausência de um dos termos (possuidor ou possuído),
- (ii) diferente ordenação dos termos possuidor e possuído,
- (iii) ausência e presença de preposição.

Apesar da aparente diversidade de expressões/estratégias utilizadas pelos informantes, a análise identificou duas variantes das estruturas não pronominais de posse (cf. Chan-Vianna, 2003). Estas variantes da expressão de posse apresentam-se em construções convergentes com português, bem como em construções não convergentes.

3.1. VARIANTES NA REALIZAÇÃO DE ESTRUTURAS DE POSSE

As duas variantes da expressão de posse na interlíngua dos aprendizes surdos foram classificadas com relação à presença/ausência dos termos *possuidor* e *possuído*. Em (3), exemplifica-se a variante denominada ‘possuído-possuidor’ e em (4) e (5) a variante denominada ‘possuído exclusivo’.

- (3) [O vestido de Magali] *é amarelo*.
- (4) O Cebolinha [olhos] *estão fechados*.
- (5) *O passarinho azul está* [cabeça].

3.1.1. A VARIANTE ‘POSSUÍDO-POSSUIDOR’

A variante predominante nos dados, cuja ordem é possuído-possuidor, apresenta construções sem marcação morfológica do genitivo, como em (6) e construções em que a marcação do genitivo ocorre na forma da preposição ‘de’, em (7), mas também com outros itens, como ilustrado em (8).

- (6) [pai Cascão] *vê um rato*.
- (7) [O pai de Cascão] *vê um rato*.
- (8) [O pai e Cascão] *vê um rato*.

Nota-se que a interlíngua dos aprendizes surdos, falantes/sinalizadores de LIBRAS, apresenta construções convergentes quanto à ordem dos termos das construções de posse não pronominal com a gramática do português, incluindo o uso da preposição. A ocorrência de estruturas de posse

convergentes é consistente no que diz respeito à ordem dos termos. Todos os informantes, neste experimento, realizam a ordem possuído-possuidor.

Quanto à marcação morfológica do possuidor, manifesta-se ampla variação individual. As preposições são itens considerados resistentes à aquisição na segunda língua, especialmente a preposição 'de' que marca morfológicamente o possuidor no português, por seu caráter mais gramatical/funcional e menos temático/lexical. Além do uso da preposição 'de' e do marcador nulo, como em (4), outros elementos, como 'que' e 'e', marcam a estrutura de posse na interlíngua dos aprendizes surdos. Esses elementos têm propriedades que os identificam como conectivos e como categorias funcionais. A ocorrência de tais elementos, em lugar da preposição 'de', indica o preenchimento da posição ocupada pelo marcador de posse com itens cujos traços foram parcialmente identificados. Na aquisição da estrutura de posse, os aprendizes preenchem a posição ocupada pelo marcador de posse com itens da L2 que compartilham propriedades com a preposição convergente.

Destaca-se que a marcação morfológica do possuidor ocorre somente com a ordem possuído-possuidor, que é convergente com o português. Embora todos os informantes realizem a ordem possuído-possuidor, a ocorrência desse padrão não implica a ocorrência de marcador de posse. A presença do marcador de posse, mesmo com ocorrência em pequena escala no conjunto dos dados, representa a possibilidade de reestruturação morfológica. Nas construções de posse na LIBRAS, o possuidor (realizado como DP pleno) não é marcado morfológicamente². Nesse sentido, a marcação do genitivo no português exige desses aprendizes a aquisição de um item lexical novo.

3.1.2. A VARIANTE 'POSSUÍDO EXCLUSIVO'

A variante 'possuído exclusivo' inclui, por hipótese, uma categoria vazia referente ao possuidor e ocorre com o possuidor mencionado anteriormente, fora do domínio sintático do possuidor (9-11).

(9) A Mônica tem cachorro_i [cor ______i] *é marrom*.

(10) O passarinho azul_i está [cabeça ______i].

(11) [Magali_i] [vestido ______i] *é amarelo*.

Em situação exemplificada em (9), o possuído se refere ao termo anteriormente mencionado. Em 'a Mônica tem cachorro cor é marrom', o possuído ('cachorro'), da primeira predicação, torna-se o possuidor, da segunda predicação. Na estrutura que relaciona 'cor' e 'cachorro', o predicado é

² A possibilidade de a LIBRAS apresentar um morfema/sinal marcador de posse, como a ASL (Língua Americana de Sinais) não está descartada; os dados disponíveis, no entanto, não atestam esse morfema.

'cor' e seu argumento ocorre como uma categoria nula, co-referente com o termo 'cachorro' da predicação anterior. Assim estrutura nominal com a categoria nula é considerada uma variante.

A presença de apenas um único termo, nesses contextos, levanta a hipótese de relação anafórica e/ou uma oposição alienável/inalienável na construção das estruturas de posse. A correferência é utilizada como estratégia na representação do possuidor em construções com possuído exclusivo. O exemplo (10) (repetido abaixo) mostra exemplo de posse inalienável.

(10') *O passarinho amarelo está [pé] (= pé da Mônica)*

O padrão que se configura na superfície com a ordem possuidor-possuído, exemplificada em (11) (repetido abaixo), mostra também a manifestação da variante denominada 'possuído exclusivo'.

(11') *Magali vestido é amarelo.*

A expressão que se configura na superfície com a ordem possuidor-possuído não é a ordem de maior frequência no *output* dos informantes, porém é a mais difundida entre eles (apenas para um informante não há nenhuma ocorrência dessa construção). A ordenação possuidor-possuído predomina amplamente em início de oração e sua ocorrência é maior em sentenças construídas com os verbos 'ser' e 'estar'.

Considerou-se que a ocorrência do padrão possuidor-possuído está associada à transferência da L1 e, desse modo, a ordenação possuidor-possuído não se configura em um sintagma nominal, pois o possuidor ocuparia a posição topicalizada como em (12).

(12) [Magali] [_{DP} vestido] *é amarelo.*

Uma estrutura de tópico leva a analisar os elementos 'o', em (13), não como marcador de posse, mas como determinante.

(13) [Magali] [_{DP} o perna] *estão fechados.*

Em face das construções em que o possuidor é analisado como um tópico, entende-se que as construções em que o possuidor precede o possuído são estruturas do tipo 'possuído exclusivo' no que se refere à estrutura do sintagma nominal.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTRUTURAS DE POSSE NA INTERLÍNGUA E L1

A reestruturação relacionada à ordem parece ser menos resistente do que a reestruturação morfológica com relação à aquisição de estruturas de posse, como sugere Craats *et al.* (2000), entretanto deve-se considerar que a ordem não-convergente (possuidor-possuído) apresentada pelos aprendizes surdos não se relaciona à ordenação núcleo-complemento, já que o português e a LIBRAS são línguas de núcleo-inicial (cf. Quadros, 2000, 1999).

Nota-se que nos dados da interlíngua dos informantes surdos não ocorrem construções do tipo exemplificado em (14).

(14) *Magali de vestido *é amarelo*.

Tal construção representaria violação dos princípios que restringem as línguas naturais pelo fato de apresentar o possuído marcado morfológicamente pela preposição ou implicaria a presença da preposição posposta ao nome.

Construções com possuidor anteposto ao possuído são encontradas entre aprendizes de português como L2. É o caso de falantes de japonês L1, como mostra Gonçalves (1997)³. Os padrões encontrados entre eles, porém, não são encontradas nos dados dos aprendizes surdos. Segundo o autor, essas construções não-convergentes ocorrem sob a influência do parâmetro núcleo-final da L1 (japonês), conforme os exemplos abaixo:

(15) [Meali] mãe (=mãe da Meali)

(16) [Raru de] papai (=papai de Raru)

(17) [de (a) Cássio] irmã (=irmã de Cássio)

Em todos os casos a preposição ocorre no DP-possuidor, entretanto as construções refletem a ordem núcleo-complemento do japonês (L1) que é inversa à do português (L2). Os exemplos, em (15), mostram a ausência de preposição e o complemento anteposto ao núcleo do sintagma, conforme a ordenação núcleo-final do japonês; em (16), a preposição é utilizada, porém a ordenação do sintagma preposicionado é núcleo-final ('Raru de'), assim como, no sintagma de

³ Os informantes no estudo de Gonçalves (1997) são crianças de 6 a 8 anos.

posse, o possuidor precede o possuído; em (17), o sintagma preposicionado é convergente com a ordenação do português (a preposição antecede o nome), porém o complemento ('de Cássio') precede o núcleo ('irmã').

Esses dados revelam a influência da L1 na construção da gramática de L2. Como mencionado, o tipo de estruturas encontrado nos falantes nativos de japonês não se manifesta na interlíngua dos aprendizes surdos. As estruturas realizadas pelos falantes de japonês refletem o parâmetro do núcleo, cujos valores são diferentes na L1 e na língua alvo. No caso dos aprendizes surdos de português, L1 e L2 são línguas de núcleo-inicial.

De acordo com a hipótese de que o aprendiz constrói a gramática de L2 a partir da gramática da L1, propriedades que são semelhantes nas duas línguas deveriam se manifestar desde os estágios iniciais na interlíngua. A preferência pela ordem possuído-possuidor pleno pode refletir o fato de que tanto o português quanto a LIBRAS são línguas de núcleo-inicial e que ordenação possuído-possuidor pleno é gramatical em LIBRAS.

Se a ordem não-convergente 'possuidor-possuído' apresentada pelos aprendizes surdos não se relaciona à ordenação núcleo-complemento, a possibilidade é a de estar associada a outras propriedades. Considerando-se a estratégia de se evitar estruturas encaixadas, comuns aos aprendizes, e a interferência de propriedades da primeira língua, essas construções não convergentes sugerem a ocorrência de construções topicalizadas.

A topicalização é uma propriedade reconhecidamente produtiva na LIBRAS. Conforme Quadros (1999; 2000), na LIBRAS, apesar da flexibilidade na ordem das palavras, todas as sentenças SVO são gramaticais. As ordens OSV e SOV são marcadas por expressões não-manuais e envolvem topicalização ou focalização; outras ordens não ocorrem na LIBRAS. Segundo Ferreira-Brito (1995), as sentenças da LIBRAS são mais flexíveis no que diz respeito à ordem das palavras ou constituintes do que as sentenças do português, de modo que a topicalização, muito mais freqüente do que no português, pode ser considerada regra geral na LIBRAS, isto é, caso não haja restrições para o deslocamento de constituintes, a ordem tópico-comentário é a preferida.

As propriedades que determinam a topicalização na LIBRAS podem ser transferidas para a interlíngua dos aprendizes. Nesse caso, os falantes de LIBRAS transferem a propriedade [+ tópico] associada à construção de posse para sua gramática de L2 até que o *input* desencadeie a reestruturação da gramática.

Em busca de evidência para a observação de que as construções topicalizadas tendem a ser um comportamento associado a estágios iniciais, examinou-se o comportamento de aprendizes com menos tempo de exposição ao português. Foram apresentadas a três informantes -

falantes/sinalizadores de LIBRAS, com surdez profunda e congênita, estudantes da 4ª série do ensino fundamental – oito sentenças com lacunas posicionadas em início da oração⁴.

O conjunto de dados fornecido por esse grupo de informantes caracteriza-se pelas mesmas estratégias na expressão de posse relacionadas anteriormente. Entretanto, nesse grupo,

- (i) a ordem possuidor-possuído é predominante e representa cerca de 70% das ocorrências
- (ii) a ordem possuído-possuidor, por sua vez, é mínima (apenas uma ocorrência)
- (iii) não há ocorrência de preposição ou de quaisquer elementos conectivos

No grupo de estudantes mais avançados (mencionado na seção 3), a ordem possuidor-possuído representa apenas 22% no total de dados, em resposta ao mesmo conjunto de sentenças. O fato de os alunos de menor escolaridade apresentarem um uso categórico da construção possuidor-possuído sugere que esta construção precede as demais estratégias de construção do sintagma nominal de posse. A preferência por essa construção reforça a hipótese de que a construção topicalizada é reflexo de propriedades da L1 conservadas na interlíngua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando ressaltar a sistematicidade das construções não convergentes com o português, propôs-se que as variantes da interlíngua, quanto à ordem/presença dos termos plenos, restringem-se a duas, como apresentado no quadro 1 (abaixo). Ao lado da variante convergente, ‘possuído-possuidor’, classifica-se a variante não convergente ‘possuído exclusivo’. Esta última inclui uma categoria vazia referente ao possuidor. Os padrões observados sugerem que a categoria vazia ocorre com a presença do possuidor topicalizado, com o possuidor mencionado na oração imediatamente anterior e, ainda, em situações em que o possuidor está implícito.

Quadro 1 - Classificação das variantes do sintagma nominal de posse na interlíngua.

‘possuído-Possuidor’		[O vestido de Magali] <i>é amarelo.</i>
‘possuído exclusivo’	por topicalização	O Cebolinha [olhos] <i>estão fechados.</i>
	por apagamento do possuidor	O passarinho azul está [<i>cabeça</i>].

Os resultados obtidos até aqui permitem, ainda, propor que o desenvolvimento do sintagma nominal com possuído e possuidor plenos, na interlíngua, articula-se com o uso de construções

⁴ Nesse estudo, em andamento, somente os resultados relativos a sentenças constituídas com os verbos ‘ser’ e ‘estar’.

topicalizadas. Por sua vez, a estrutura com os dois termos plenos e marcador de posse nulo precede a estrutura convergente com o português, em que há marcador de posse expresso (cf. quadro 2).

Quadro 2 – Desenvolvimento lingüístico relativo à construção da expressão de posse em português.

estrutura topicalizada	ordem convergente e marcador de posse nulo	estrutura convergente com o português
Mônica cachorro	pai Cascão	a boneca de Mônica
		boca com Cascão
		pé para Mônica

O reconhecimento das gramáticas em desenvolvimento de aprendizes surdos de português, falantes/sinalizadores de Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), em particular na constituição do sintagma nominal, requer, por um lado, a análise de mais dados e o confronto com outros aspectos da interlíngua no que se refere ao sintagma nominal. Por outro lado, os resultados sugerem que as seguintes (supostas) propriedades da LIBRAS influenciam a aquisição das estruturas do português pelos aprendizes surdos: (i) na estrutura de posse não pronominal o possuído precede o possuidor (i) há condições para a realização do possuidor em posição inicial da oração, (i) há distinção entre estruturas de posse alienável e inalienável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERENT, G. (1996) The acquisition of english syntax by deaf learners. In *Handbook of second language acquisition*. Ritchie, W.; Bhatia T. (eds.). San Diego: Academic Press.
- CHAN-VIANNA, A. (2003) Aquisição de português por surdos: estruturas de posse. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- CRAATS, I. Van de; CORVER, N.; HOUT, R. Van (2000) Conservation of grammatical knowledge: on the acquisition of possessive noun phrases by Turkish and Moroccan learners of Dutch. *Linguistics* 38-2, 221-314.
- EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. (1996). Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Behavioral and Brain Sciences*, 19 (4), 677-714.
- FERNANDES, E. (2003) *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed.

- FERREIRA-BRITO, L. (1995) *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- KLEIN, E.; MARTOHARDJONO, G. (1999) Investigating second language grammars: some conceptual and methodological issues in generative SLA research. In *The development of second language grammars: a generative approach*. Klein, E.; Martohardjono, G. (eds.) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LILLO-MARTIN, D. (1998) The acquisition of English by deaf signers: is universal grammar involved? In *The generative study of second language acquisition*. Flynn S.; Martohardjono G.; O'Neil, W. (eds.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- QUADROS, R. (2000) A estrutura da frase na Língua Brasileira de Sinais. In II Congresso Nacional da Abralín, 1999, Florianópolis. Anais do II Congresso Nacional da Abralín. Florianópolis: UFSC.
- _____ (1999) *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre.
- SCHWARTZ, B. (1998) The second language instinct. *Lingua* 106: 133-160.
- SALLES, H. *et al.* (2003) *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Especial de Educação Especial.
- SORACE, A. (2003) Near-nativeness. In Doughty, C. and Long, M., (eds.). *The Handbook of Second language acquisition*. Oxford: Blackwell.
- _____ (1999). Initial states, end-states, and residual optionality in L2 acquisition. *Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- WHITE, L. (2003) *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1998) Universal Grammar in second language acquisition: the nature of interlanguage representation. Disponível em <http://www.nflrc.hawaii.edu/Networks/NW09>. Acesso em 23 de janeiro de 2003